

ARTIGOS - ARTICLES

Um materialista francês num momento pré-revolucionário -
La Mettrie e as ideias sobre os seres vivos

Simone Sendin Moreira Guimarães
Prof. Dra. Instituto de Ciências Biológicas
UFG/ICB
sisendin@ufg.br

Maria Elice de Brzezinski Prestes
Prof. Dra. Depto. Genética e Biologia Evolutiva
USP/IB
eprestes@ib.usp.br

Resumo: O presente artigo discute a ideia de vida no momento “pré-revolucionário” francês, problematizando como os modos de interpretação dos fenômenos manifestados pelos organismos vivos podem contribuir com a construção dialética do conceito de ser vivo na contemporaneidade. Nesse recorte, apresentamos a obra L’Homme-Machine (La Mettrie, 1748), caracterizando suas contribuições históricas para a construção dos modos explicativos materialista/mecanicistas (não reducionista) relacionados aos seres vivos.

Palavras-chave: Materialismo; Vida; Século XVIII; Biologia

*A French materialist in a pre-revolutionary moment –
La Mettrie and ideas about living beings*

Abstract: This article discusses the idea of life in the French “pre-revolutionary” moment, questioning how the modes of interpretation of the phenomena manifested by living organisms can contribute to the dialectical construction of the concept of living being in contemporaneity. In this approach, we present the work L’Homme-Machine (La Mettrie, 1748), characterizing its historical contributions to the construction of materialist/mechanistic (non-reductionist) explanatory modes related to living beings.

Keywords: Materialism; Life; XVIII century; Biology.

Introdução

O presente texto¹ pretende discutir a ideia de vida/ser vivo em um momento anterior à Era das Revoluções, que chamamos aqui de “pré-revolucionário”², a partir da problematização da obra *L'Homme-Machine*, de 1748, do médico e filósofo francês Julien Offray de La Mettrie (1709-1751), caracterizando suas contribuições para a construção dos modos explicativos materialista e mecanicista relacionados aos seres vivos.

Como primeira aproximação ao objeto, optamos por um movimento que partiu do indivíduo real em suas condições materiais de vida e de suas ações, para chegar às suas ideias, num movimento que considera que “não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam (...) parte-se dos homens realmente ativos (...) de seu processo de vida real (MARX & ENGELS, 2007, p. 94).

O olhar para o contexto

No século XVIII, a França era um país agrário (camponês), com a produção estruturada no modelo feudal (ANDERY et al, 2014). Na maior parte do século, entre 1715 e 1774, o país foi governado por Luís XV (1710-1774). O poder político – absolutismo – estava concentrado no próprio rei e num pequeno número de nobres e aristocratas que o auxiliavam. Para George Rudè (1991), o início do século XVIII não foi marcado por grandes perturbações sociais, mas diante das dificuldades rurais, os motins e saques sempre existiram. Um episódio marcante no período

¹ Projeto denominado “Os modos de interpretação dos fenômenos vivos nos séculos XVIII e XIX: o desenvolvimento histórico do par dialético Vida-Morte e seus contributos para formação de professores” desenvolvido no contexto de um estágio como Professora Colaboradora no Instituto de Biociências da USP, supervisionado pela professora Dra. Maria Elice B. Prestes.

² Eric Hobsbawm ao escrever sobre a contemporaneidade indica que essa começa no que ele chama de “Era das Revoluções” e compreende o período entre 1789-1848. Essa época demarca o triunfo da indústria capitalista, da classe média (sociedade burguesa liberal) e da economia em uma determinada parte geográfica do planeta (Europa e EUA). Resumindo, o período marca o “triunfo do capitalismo liberal burguês” (HOBSBAWM, 2017, p. 21).

foi a Grande Peste de Marselha de 1720 a 1723 que causou a morte de 100 mil pessoas (DEVAUX, 2013, p. 171). Já entre 1740-1748, com a Guerra de Sucessão Austríaca, o Estado francês fica muito endividado e a fome leva a população às ruas. Luiz XV é atacado em Paris aos gritos “pão, pão, pão” (RUDÊ, 1991).



Fig. 1. À esquerda, “Um médico vestindo um traje preventivo da peste em Marselha”, 1720. Aquarela, 19--. Wellcome Collection. À direita, “Batalha de Fontenoy”, 1745. Aquarela de Pierre L’Enfant. Public Domain.

Em relação ao pensamento da época, Maria Amélia Andery e colaboradores (2014) indica que é muito difícil propor uma síntese, mas é possível destacar algumas tendências, principalmente relacionadas à ascensão econômica e política da burguesia. Ideias como liberdade (política, de expressão, educação e, é claro, de livre comércio) e igualdade (jurídica e não social) nascem nesse momento histórico e refletem os interesses dessa classe. Ainda para a autora, do pensamento francês do período é possível destacar,

[...] a crença no poder da razão como instrumento de obtenção do conhecimento e de modificação da realidade, a ênfase aos dados obtidos por meio da observação e experimentação, o anti-dogmatismo (e, conseqüentemente a crítica à religião) e a noção de progresso. (ANDERY *et al.*, 2014, p. 326)

Já a filosofia francesa pode ser caracterizada preponderantemente como “racionalista empirista”, pois considera que o conhecimento racional não pode prescindir da observação, da experiência (ANDERY *et al.*, 2014, p. 285). Nessa perspectiva, Antônio Nascimento Jr e Daniele Souza (2015) defendem que “[...] muitos pensadores, em conflito com dogmas religiosos cúmplices da aristocracia, buscavam explicações mecanicistas e materialista para a vida em consonância com o ideal Iluminista” (NASCIMENTO JR e SOUZA, 2015, p. 06).

É nesse contexto que vive o médico-filósofo Julien Offray La Mettrie (Figura 2). Nasceu na cidade portuária de Saint-Malo, na região da Bretanha, em uma família de comerciantes bastante rica. Foi educado inicialmente com os jesuítas no *College Coutances* (MORILHAT, 1997) e, depois, estudou medicina em Paris e em Reims. Em 1733, foi para Leyden aprofundar sua formação sob a orientação do então famoso médico e fisiologista Herman Boerhaave (1668-1738). Nesse momento começou a desenvolver seu materialismo, ao qual ele daria a forma mais sistemática e lógica posteriormente (MORILHAT, 1997; RUIZA, *et al.* 2004). Em 1742, de volta a Paris, é nomeado médico nas fileiras do exército francês e participa da batalha de Dettingen (1743). Além disso, começa a frequentar um círculo de pensadores aristocratas libertinos. Esse grupo consistia de livres-pensadores que professavam, entre outras coisas, o materialismo filosófico e o ateísmo (MORILHAT, 1997; ARAUJO, 2013). La Mettrie foi acusado de “minar os fundamentos de toda religião e toda virtude”³ (MORILHAT, 1997, p. 9) e fugiu para a Holanda onde conseguiu asilo provisório até terminar a obra *L'Homme-Machine* (no final de 1747). Posteriormente, conseguiu refúgio permanente com Frederico II, rei da Prússia e chegou a Berlin em 1748. Morreu em Potsdam (sudoeste de Berlin) em 1751. Existem controvérsias sobre sua morte, mas na edição americana, *Man, A Machine* (LA METTRIE, 1912) foi acrescentado *Eulogy* escrito pelo rei Frederico indicando que o filósofo morreu de uma doença que começou no cérebro e provocava febre alta e delírios.

³ Do francês “*sape les fondamentes de tout Religion et de tout Vertu*”. Todas as traduções do francês para português foram realizadas pelas autoras.

Acompanhando a tradição Aristotélica, no materialismo de La Mettrie, o estudo da natureza inicia-se no ser humano, ou como se dizia na época, no “homem”. Sua experiência com estudos anatômicos antes de obter o diploma de médico, o trabalho, por dois anos, na mesa de dissecação (FREDERIC in LA METTRIE, 1912), a clínica médica em Rheims (1733) e principalmente os estudos com Boerhaave, em Leyden contribuíram de maneira decisiva com seu pensamento. Dedicou-se à tradução de várias obras do mestre da arte de observar e fazer experiências com seres vivos no campo da química (flogística), botânica e matéria médica⁴. De suas próprias descobertas, publicou um tratado sobre a vertigem, outro sobre a varíola, um livro sobre a medicina prática e seis volumes de comentários sobre a Fisiologia de Boerhaave (FREDERIC in LA METTRIE, 1912). Como Hacking chamou a atenção, a conclusão do bibliógrafo que se dedicou a catalogar “a estranha série de publicações de La Mettrie, muitas banidas, a maioria excêntrica” é a de que sua obra constitui uma “filosofia inspirada pelo conhecimento ou experiência médica” (HACKING, 2009, p. 182).

O sentido do “bastão da experiência” que La Mettrie evoca em seu texto é, portanto, o da experiência adquirida na “arte de curar”, é a do gabinete. Note-se bem, não é a do “experimento” de sentido Baconiano, pelo qual tanto Boerhaave quanto Haller subvertiam o curso regular da natureza para conhecer-lhe os segredos. La Mettrie fala da experiência alinhada aos saberes práticos da poesia ou pintura, música ou arquitetura, do canto, da dança, que leva ao conhecimento e se contrapõem tanto aos teólogos, quanto às “opiniões vãs dos filósofos” (LA METTRIE, 1748, p. 8). Com um posicionamento resolutivo, criticava nos teólogos a ignorância sobre o mecanismo do corpo, tendo sido sempre desviados por estudos obscuros, opiniões preconceituosas e fanatismo. La Mettrie acreditava que apenas os médicos poderiam discutir sobre o “mecanismo do corpo” porque ele era conhecido na prática da cura; em outras palavras, apenas “os médicos que são filósofos, e não os filósofos que não são médicos”⁵ (LA METTRIE, 1748, p. 6). Assim,

⁴ *Système de M. Boerhaave sur les maladies vénériennes* (1735); *Aphorismes sur la connaissance et la cure des maladies* (1739), *Traité de la matière Médicale* (1739); *Les Institutions de Médecine* (1739± 1740); *Abrégé de la Théorie chimique* (1741).

⁵ *L'expérience & l'obsertion doivent donc faire nous guider ici. Elles se trouvent sans nombre dans les Fastes des Medecins, qui ont été Philosophes, & non dans les Philosophes, qui n'ont pas été Médecins.*

o sentido dos termos “observação” e “experiência” quando defende que a “experiência e a observação são os únicos guias” é o sentido obtido pela vivência do médico observador. Distingue-se assim a sua obra daquela de contemporâneos igualmente seguidores dos filósofos naturais e médicos Boerhaave e Albrecht Von Haller (1708-1777), mas distanciados da medicina, como o naturalista italiano Lazzaro Spallanzani (1729-1799), entre outros (PRESTES, 2003).

La Mettrie disserta sobre a estrutura do corpo humano em comparação com outros animais (anatomia comparada) e sobre a fisiologia dos movimentos por meio de inspirações provenientes da física de Newton (RUÍZA, et al 2004; DONATELLI, 2013). Essa lógica é extrapolada para o estudo da mente humana quando, por exemplo, ao observar o próprio corpo em febre, relaciona as alterações orgânicas no cérebro com as mudanças nos processos psicológicos. A grande consequência dessas suposições é o que o leva a ser tomado um “materialismo radical”, qual seja, a de que a alma, “a essência metafísica da alma é somente um mecanismo físico” (ARAUJO, 2013, p. 09). A comparação, lembra Arthur Araujo (2013), realizada nesses estudos de La Mettrie é sustentada pela tese de que o ser humano é homólogo à natureza – tendo sua constituição e organização idêntica à do mundo natural. Com essa organização de pensamento a vida poderia ser explicada apenas por seus princípios físicos, sua organização material.

Considerando as ideias de José D’Assunção Barros (2019) sobre fontes históricas, esta apresentação da posição ideológica de La Mettrie em relação a determinados processos nos ajudará a tratar a fonte autoral não como testemunho ou fonte de informação, mas como discurso a ser analisado.

O olhar para o texto

Pesquisas em história da ciência são essencialmente de caráter bibliográfico, consistindo na leitura e análise diacrônica de fontes primárias, definidas como “material da época estudada, escrito pelos pesquisadores estudados” (MARTINS, 2005, p. 309). Dentro desse quadro, a obra primária aqui discutida é o *L’Homme-Machine*,

publicada por La Mettrie em 1748⁶ (Figura 2). É interessante destacar que, na época em que esse texto foi escrito, os filósofos franceses já utilizavam a língua pátria ao invés do latim para expressarem suas ideias, havendo, assim, um maior acesso às ideias produzidas por parte da sociedade.

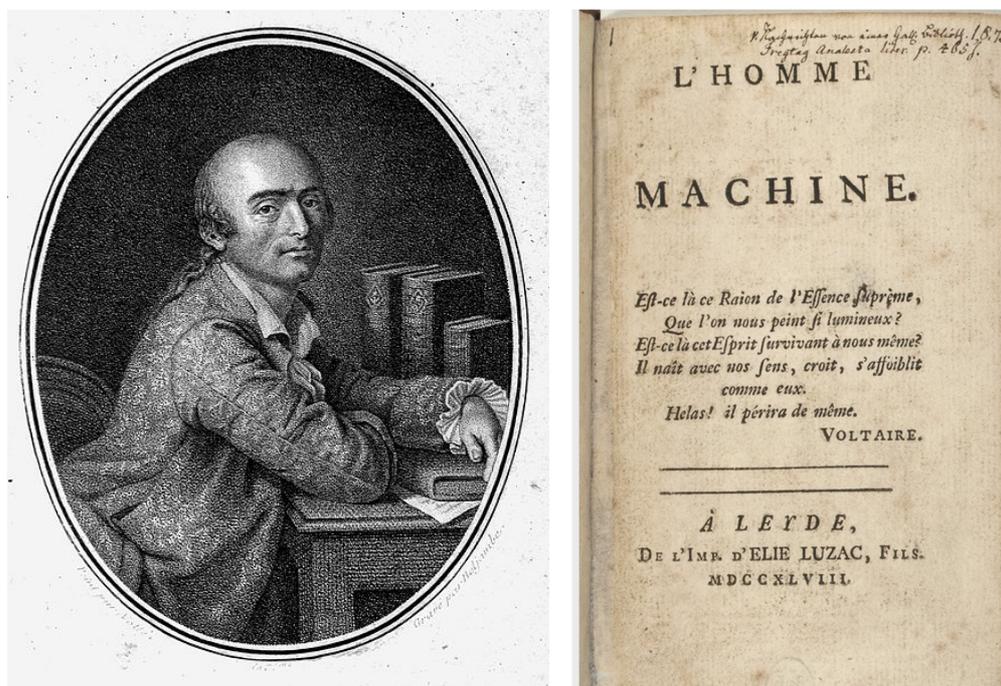


Fig. 2. À esquerda, “Julien Offray de La Mettrie”. Gravura pontilhada de P. G. A. Beljambe após Notté. Wellcome Images. À direita, página de rosto de *L’Homme Machine*, em que se nota que seu nome não aparece, como em todas as suas obras.

O livro se abre com uma epígrafe de Voltaire, já sinalizando para a posição materialista do autor. Sem muita surpresa ao contexto da época, segue uma “Advertência do impressor”, escrita pelo editor holandês Elie Luzac (1721-1796), na qual podemos ler a seguinte ressalva: “Pode talvez surpreender que ousei colocar meu nome em um livro tão audaz como este”⁷ (LUZAC in LA METTRIE, 1748, p. 2). Só, o fez, continua Luzac, por considerar a Igreja a salvo de qualquer tentativa de derrubá-la. Mais de uma vez declara não compartilhar das ideias do texto, como

⁶ Além da edição de 1748 digitalizada na Gallica da Bibliothèque nationale de France, foi consultada a tradução ao inglês, de 1912.

⁷ “On sera peut-être surpris que j’aie osé mettre mon nom à un livre aussi hardi que celui-ci” (p. 2)

na passagem “[...] se me é permitido tecer suposições sobre aquilo em que eu não acredito”⁸ (idem, p. 03). Afinal, além da obra trazer muitas críticas à Igreja, o filósofo francês era criticado também pelos colegas enciclopedistas e qualificado como imoral (BOCCA, 2013)⁹.

O pequeno livro de La Mettrie inicia com uma consideravelmente longa preleção endereçada ao médico e fisiologista Albrecht Von Haller (1708-1777), professor da faculdade de medicina de Gottingen (Alemanha). Poética, exalta a filosofia e a importância de se adquirir conhecimento: “Sim, estudar é divertido para todas as idades, todos os lugares, todas as estações, todos os tempos”¹⁰ (LA METTRIE, 1748, p. 13).

La Mettrie foi também muito influenciado pelo mais famoso dos discípulos de Boerhaave, o médico anatomista e fisiologista suíço Albrecht von Haller (1708-1777). No trabalho em que expõe sua teoria sobre a irritação das “fibras”, Haller coloca em relevo a definição da essência do ser vivo, relacionando-a ao movimento e à sensação. Ao reconhecer a origem endógena da contração, como mostrou Marisa Russo, Haller sugeriu “a existência de uma propriedade do movimento animal que, a princípio, poderia estar ligada à organização ou à constituição da matéria viva” (RUSSO, 2004, p. 314). Esta teoria colocaria Haller “[...] em oposição direta à teoria animista de George Stahl (1659-1734) que, atribuindo todo movimento à alma, não podia admitir que a matéria fosse capaz de produzir qualquer movimento por si mesma”. (RUSSO, 2004, p. 314)

A ideia da organização da matéria viva como propriedade do movimento exerceu forte ascendência sobre o materialismo de La Mettrie. A pergunta elementar que pairava sobre as reflexões de La Mettrie era: como pode o corpo físico, que funciona de acordo com leis físicas, conter a alma ou espírito não material e com ele interagir? (ROONEY, 2018)

⁸ “*Mais s’il m’eût permis de supposer ce que je ne crois pas*” (p. 2)

⁹ Mesmo assim, Elie Luzac foi acusado de materialista pela igreja calvinista holandesa, o que o levou a se defender com a publicação, no mesmo ano, de *l’Homme plus que machine*.

¹⁰ “*Oui, l’Etude est un plaisir de tous les âges, de tous les lieux, de toutes les saisons de tous les momens*” (p. 13).

Sobre essa questão, o autor começa explicitando sua posição filosófica a partir da contradição materialismo-espiritualismo para a compreensão da alma. Nas palavras do autor, “reduzo a dois os sistemas dos filósofos da alma do homem. O primeiro, e o mais antigo, é o sistema do materialismo; o segundo é o do espiritualismo”¹¹. (LA METTRIE, 1748, p. 01)

Porém, logo em seguida fica clara sua posição por uma perspectiva materialista para a interpretação desse fenômeno. Não é difícil entender ser esse posicionamento decorrente da formação médica e dos trabalhos de fisiologia de Boerhaave e Haller. Desde o século XVII eram estudadas várias propriedades físicas dos materiais tais como a eletricidade, magnetismo, óptica, mecânica, entre outras. Isso era relevantes pois,

[...] permitia que as atividades de laboratório envolvessem simulações muito mais complexas dos fenômenos naturais que se queria conhecer. Neste caso, o problema deixou de ser a capacidade de simulação desses fenômenos, mas, a garantia de que tais simulações realmente expressavam os fenômenos. (NASCIMENTO JR e SOUZA, 2015, p. 10)

Em conformidade com o autor,

O homem é uma máquina tão composta que é impossível de início ter uma ideia clara dela e, conseqüentemente, defini-la. É por isso que todas as investigações que os maiores filósofos fizeram *a priori*, ou seja, querendo usar de alguma forma **as asas da mente**, foram em vão. Assim, é apenas *a posteriori*, ou procurando **desenredar a alma pelos órgãos do corpo**, que se pode, não digo, descobrir com evidência a própria natureza do homem, mas atingir o maior grau possível de probabilidade sobre esse assunto. (La Mettrie, 1748, pp. 7-8; grifo nosso)¹²

¹¹ “Je réduis à deux les systèmes des philosophes sur l’âme de l’homme. Le premier, et le plus ancien, est le système du matérialisme; le second est celui du spiritualisme” (p. 1).

¹² “L’homme est une machine si composée, qu’il est impossible de s’en faire d’abord une idée claire, et conséquemment de la définir. C’est pourquoi toutes les recherches que les plus grands philosophes ont faites à priori, c’est à dire, en voulant se servir en quelque sorte des ailes de l’esprit, ont été vaines. Ainsi ce n’est qu’à posteriori, ou en cherchant à démêler l’âme comme au travers les organes du corps, qu’on peut, je ne dis pas découvrir avec évidence la nature même de l’homme” (pp.7-8).

Para o autor não havia a separação corpo e alma (como para Descartes); o ser humano (corpo e alma) é uma máquina explicada apenas pela anatomia comparada e fisiologia. Até o pensamento e as emoções poderiam ser explicados materialmente como destaca no trecho em que se remete à teoria dos humores de Galeno “É verdade que a melancolia, a bile, a fleuma, o sangue etc., de acordo com a natureza, a abundância e as várias combinações desses humores, fazem cada Homem diferente” (LA METTRIE, 1748, p. 9)¹³.

A natureza tem um funcionamento material e homogêneo – sem dualidades (como alma/corpo). Assim é possível indicar que La Mettrie é um materialista monista, pois atribui uma singularidade no humano e nos elementos da natureza.

Leandro Fernandes (2014) destaca, por exemplo, que La Mettrie critica a teoria cartesiana do homem como *res cogitans* e elogia a ideia de *res extensa*, usando essa ideia (de que os animais eram puramente máquinas) para criticar a concepção de que o ser humano apresentava duas substâncias – uma, material (corpo), e outra, imaterial (a alma). O que mostra um pensamento de “continuísmo material” que se desdobra na explicitação da existência de uma unidade na natureza, com gradações em sua organização e não saltos (DONATELLI, 2013). Para a autora “nesse continuísmo, o homem integra-se com os outros animais, uma vez que todos pertencem à mesma natureza e possuem inteligências adequadas às suas necessidades” (DONATELLI, 2013, p. 853). Ou, nas palavras de La Mettrie “[...] com ousadia que o homem é uma máquina e que em todo o universo existe apenas uma única substância modificada de maneira diferente”¹⁴ (p. 107).

Além de criticar e discordar de Descartes, La Mettrie (1748) também critica Leibniz (ou melhor os “leibnitiens”) por serem intuitivos, acreditarem numa “força motriz” e terem espiritualizado a matéria ao invés de materializar a alma. Isso porque o autor compreendia o homem (e para nós, o ser vivo) a partir da física e de suas propriedades. Assim, nessa perspectiva material, o autor indica que junto a

¹³ “Il est vrai, la mélancolie, la bile, le phlegme, le sang etc., suivant la nature, l'abondance et la divers combinaison de ces humeurs, de chaque homme font un homme différent” (p. 9).

¹⁴ “[...] donc hardiment que l'homme est une machine; et qu'il n'y a dans tout l'univers qu'une seule substância diversement modifiée” (p. 107).

propriedades da matéria como eletricidade, motricidade, impenetrabilidade e extensão podem ser incluídas a capacidade de sentir e pensar. Sintetizando, Andery (2014) indica que “o movimento da matéria poderia então explicar não só nossas sensações, como nossa vontade, nossos desejos, etc.” (p. 330).

Isso é muito interessante quando pensamos que os objetos essenciais da física (movimento) e da química (matéria) configuravam parâmetros para explicar os fenômenos vivos.

As relações com a ideia de vida (ser vivo)

O texto de La Mettrie, problematizado, não focaliza uma discussão verticalizada sobre a *vida*, mas é possível delinear suas ideias sobre natureza que se desdobram num entendimento sobre o *ser vivo*.

Para o ateu La Mettrie tudo advém da natureza e ela será sua única religião, como ele próprio expressa. Para o filósofo, a natureza (e a vida) se comporta segundo seu próprio curso, sem uma força externa a ela. Isso é percebido no trecho em que o autor indica que o corpo não carrega em si nenhum atributo que leve ao entendimento que exista algo imaterial no vivo (LA METTRIE, 1748). Para o médico La Mettrie, a composição física do homem e todas as suas finalidades podem ser explicadas a partir do próprio homem – da dinâmica do seu corpo – o que novamente refuta os modelos explicativos dos filósofos não médicos, mas não esconde a sua própria reflexão para além da física, metafísica.

La Mettrie dissolve a superioridade do ser humano em relação aos outros animais ao apresentar a similaridade completa na estrutura e nas operações de seus órgãos – interessante notar que escreve isso em 1748, mais de um século antes de Charles Darwin ocupar os sete capítulos de seu livro *A Origem do Homem e a Seleção Sexual* (1871) para apresentar, sistematicamente, dados de observação de que “É fora de questão que, no tocante a sua conformação, o homem segue o mesmo padrão ou modelo de qualquer outro mamífero” (Darwin, 1871, p. 14). Emblemáticas

da época ainda – da “continuidade natural”, tão central no pensamento de La Mettrie, como no materialismo evolucionário francês, em geral – foram as descobertas, em 1740, de propriedades típicas de vegetais em animais como as hidras (PRESTES, 2003, p. 36).

Nesse movimento, La Mettrie vai ao encontro do pensamento transformacionista que se irradiava em diversos países europeus, durante o século XVIII (CORSI, 2005), conforme nos parece, especialmente nos seguintes trechos:

Dos Animais para o Homem, a transição não é violenta; os verdadeiros filósofos irão concordar. O que era o Homem, antes da invenção das palavras ou do conhecimento das línguas? Um Animal de sua espécie, com muito menos instinto natural do que os outros e dos quais ele não se considerava Rei, não se distinguia do Macaco [...].

As Palavras, as Línguas, as Leis, as Ciências, as Belas Artes vieram e finalmente o Diamante bruto de nosso espírito foi polido. [...]

Dessa maneira é que os homens adquiriram o conhecimento simbólico [...].

Mas quem falou primeiro? Quem foi o primeiro Preceptor do Gênero humano? Quem inventou os meios de aproveitar a docilidade de nossa organização? Eu não sei. O nome desses felizes primeiros gênios se perdeu na noite dos tempos. Mas a Arte é filha da Natureza; esta deve ter precedido aquela há muito tempo. (LA METTRIE, 1748, pp. 30-32)¹⁵

Essa aproximação também está bem clara nas comparações anatômicas. Para sustentar a afirmação de que o homem se assemelha perfeitamente aos animais em sua origem o autor descreve que “[...] embora se torne monstruoso lá pelo seu crescimento de 9 meses, não difere dos ovos de outras fêmeas, exceto que sua pele

¹⁵“*Des Animaux à l’Homme, la transition n’est pas violente; les vrais Philosophes en conviendront. Qu’étoit l’Homme, avant l’invention des Mots la connoissance des langues? Un Animal de son espèce, qui avec beaucoup moins d’instinct naturel, que les autres, dont alors il ne se croioit pas Roi, n’étoit distingué du Singe [...]. Les Mots, les langues, les Loix, les Sciences, les Beaux Art sont vênus; e par eux enfin le Diamant brut de notre esprit a été poli. [...] & c’est de cette manière que les Hommes ont acquis la connoissance symbolique [...]. Mais qui a parle le premier? Qui a été le premier Précepteur du Genre humain? Qui a inventé les moiens de mettre à profit la docilité de notre organisation? Je n’em sai rien; le nom de ces heureux & premiers Génies a été perdu dans la nuit des tems. Mas l’Art est le fils de la Nature; ele a dû long-tems le preceder.*” (pp. 30-32).

(o Amnion) [...] (LA METTRIE, 1748, p. 98)¹⁶. Mas ao mesmo tempo, o corpo humano é sempre o parâmetro de comparação.

Outra característica do vivo é a alma (material) que é traduzida pelo autor como movimento, o corpo humano é uma Máquina composto por partes que se movem, e a imagem da vida é exatamente esse movimento perpétuo. Diferente da ideia de “anima” aristotélica ou da alma cristã, para La Mettrie imersas em elementos metafísicos, a

[...] Alma é apenas um princípio de movimento, ou uma parte material sensível do Cérebro, que se pode, sem medo do erro, considerar como uma mola principal de toda a Máquina, que tem uma influência visível sobre todas as outras, e até parece ter sido feito primeiro; de modo que todas as outras eram apenas uma emanção, como veremos por algumas observações que relatarei e que foram feitas em vários embriões. (LA METTRIE, 1748, p. 83)¹⁷

Para o autor, conhecer (com o maior grau de probabilidade) essa alma material do vivente, e a própria natureza do homem somente é possível a partir do conhecimento sobre os órgãos do corpo, mas ainda para o autor o raciocínio e a memória são apenas partes da alma e não sua totalidade. Outras relações explicativas entre os órgãos do corpo e a alma vivente podem ser observadas em trechos como estes:

A comida sustenta o que a febre excita. Sem eles, a Alma enfraquece, entra em fúria e morre abatida. (LA METTRIE, 1748, p. 14)¹⁸

Os vários estados da Alma são, portanto, sempre correlativos aos do corpo. Mas para demonstrar melhor toda essa dependência e suas causas, vamos usar a Anatomia Comparada; vamos abrir as entranhas do Homem e dos Animais. A maneira de conhecer a

¹⁶“*Mais quoiqu’il y devienne monstrueux par as croissance de 9 mois, il ne diffère point des œufs des autres femelles, si ce n’est que sa peau (l’Amnios) ne se durcit jamais*” (p. 98).

¹⁷ (...) *par consequent l’Ame n’est qu’un principe de mouvement, ou une Partie matérielle sensible du Cerveau, qu’on peut, sans craindre l’erreur, regarder comme un ressort principal de toute la Machine, qui a une influence visible sur tous les autres, même paroit avoir été fait le premier ; en sorte que tous les autres n’en seroient qu’une émanation, comme on le verra par quelques Observations que je rapporterai, qui ont été faites sur divers Embryons.*

¹⁸ “*Les alimens entretiennent ce que la fièvre excite. Sans eux l’Ame languit, entre en fureur, meurt abattüe*”.

Natureza humana, se não for iluminada por um paralelo justo da Estrutura de cada um! (LA METTRIE, 1748, p. 21)¹⁹

Destacamos que o conhecimento da alma está estritamente relacionado às propriedades que ela manifesta nos corpos. Além disso, a alma não é exclusividade do humano, embora, cada ser tenha a sua. Podemos perceber essa ideia no trecho “A alma desses insetos, (porque cada animal tem a sua) é muito limitada para compreender as metamorfoses da natureza” (p. 105)²⁰. Podemos perceber também que, para o autor, a relação entre alma/corpo vale para todos os animais, vale também para entender o próprio homem ao propor um “paralelo” entre as estruturas de um e outro. Além da anatomia compara já apresentada aqui por mais de uma vez, La Mettrie para reforçar a ideia de humano como pura matéria, recorre a fisiologia e exemplifica as alterações nesses sistemas com o uso de substâncias químicas, descrevendo como os elementos químicos (presentes no vinho ou veneno) influenciam o corpo vivo e tumultuam o sentido do homem.

Mas, sabemos que essa discussão – sobre o ser vivo - não é simples. Canguilhem (2012), por exemplo, ao discutir o pensamento de Claude Bernard indica sua “flutuação” ao pensar sobre “objetos biológicos” isso por que o autor sente o movimento contraditório que de um lado percebe “a inadequação do pensamento analítico para todo objeto biológico” e de outro fica “fascinado pelo prestígio das ciências físico-químicas” que para ele são a base da medicina (p. 5).

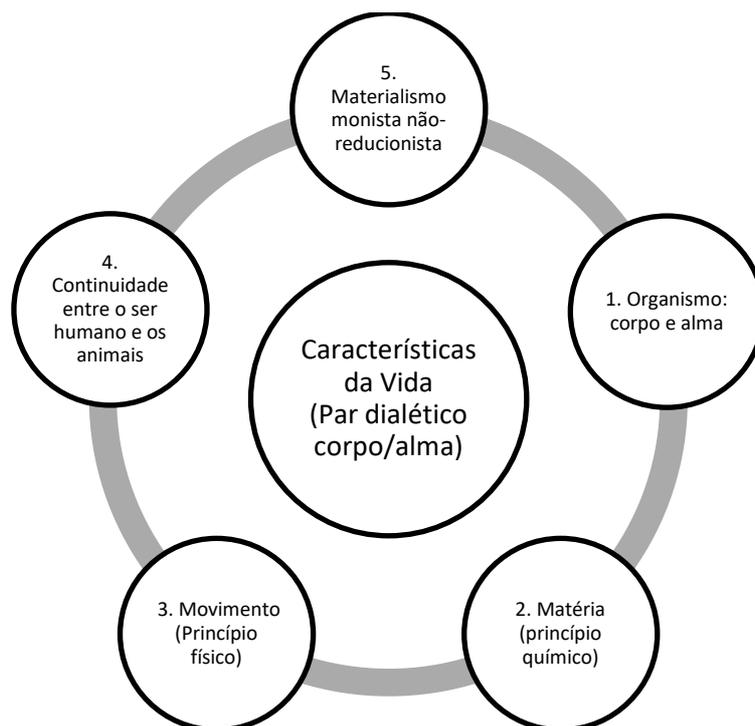
Numa época em que não existia uma discussão que considerava o fenômeno vivo como um objeto científico específico, é possível perceber que La Mettrie assenta sua filosofia sobre os fenômenos dos corpos vivos no materialismo, privilegiando a ciência pautada nos fenômenos físico-químicos tomando como modelo a medicina.

¹⁹ “*Les divers Etats de l’Ame sont donc toujours corrélatifs à ceux du corps. Mais pour mieux démontrer toute cette dépendance, ses causes, servons-nous ici de l’Anatomie comparée; Ouvrons les entrailles de l’Homme des Animaux. Le moyen de connoître la Nature humaine, si l’on n’est éclairé par une juste parallèle de la Structure des uns des autres!*”

²⁰ “*L’Ame de ces Insectes, (car chaque Animal a la siénne,) est trop bornée pour comprendre les Métamorphoses de la Nature.*”

Correndo o risco de deixar de fora elementos presentes no pensamento de La Mettrie, elaboramos uma síntese imagética (Figura 1) considerando as principais características do vivo presentes nas ideias do autor e que puderam ser apreendidas a partir da leitura do livro *L'Homme-Machine*.

Figura 1: Principais características do vivo presentes nas ideias de La Mettrie em *L'Homme-Machine*



Fonte: Elaboração das autoras

Considerações Finais

Historicamente, a cultura ocidental conhece o mundo ao tratá-lo objetivamente, mas, o estudo objetivo da vida enfrenta uma dificuldade – somos seres vivos – e experimentamos a vida subjetivamente (RAMOS, 2013). Assim,

[...] quando tratamos de estudar a vida e os seres vivos objetivamente, entra em cena essa combinação de propriedades objetivas e subjetivas como elemento a ser considerado, aparentemente inexistente no estudo dos seres não vivos. É nesse contexto de

ideias que aparece o aspecto filosófico da controvérsia entre mecanicismo e vitalismo. (RAMOS, 2013, p. 163)

O que relatamos da obra mais conhecida de La Mettrie nos leva a concordar com Wolfe em que o reducionismo do homem-máquina “é uma redução ao orgânico” e não “às propriedades mais básicas da matéria inorgânica”:

Quando ele fala de relógios e molas – analogias mecanicistas clássicas – ele tem o cuidado de apontar que o objeto de sua análise, o corpo, é uma máquina “automática” (La Mettrie 1987, I, 69). Note que esse tipo de redução é menos focado na natureza última do mundo espaço-tempo e seus componentes físicos, e mais em identidades particulares, como cérebro-mente ou corpo-alma – que acabam sendo mais “incorporados” ou vitais. (WOLFE, 2016, p. 62)

Para La Mettrie as explicações sobre o ser vivo e a vida, rigidamente mecânica (analogia a máquina) ressaltam os aspectos físico-mecânicos e físico-químicos, mas superam as dicotomias cartesianas como a corpo *versus* alma. Além disso, como ressalta El-Hani (2002) “não é suficiente defender a importância de ‘mecanismos’ nas explicações científicas para ser considerado um ‘mecanicista’” (p. 200), pois pensadores de diversas correntes teóricas (inclusive os antirreducionistas) valorizam o papel dos mecanismos na ciência.

Hoje, é amplamente reconhecido que o objeto da biologia é singular, não desobedece a nenhuma lei da física ou da química, mas é uma presença única no universo físico-químico e seu “tratamento” epistêmico-filosófico não pode ser o mesmo daquelas áreas.

Ao pensar sobre a história aqui apresentada, concordamos com Duarte (2016) que as relações presente-futuro precisam se apoiar na perspectiva histórica, a realidade é movimento e aquilo que é hoje – ideia de vida – não o foi sempre, mas veio a ser, numa dialética processual movida sempre por contradições.

Referências

ANDERY, Maria Amélia; *et al.* *Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica.* Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ARAÚJO, Arthur. Introdução. In: BOCCA, Francisco V. e ARAÚJO, Arthur. (orgs.) *La Mettrie ou filosofia marginal do século XVIII.* Curitiba: Editora CVR, 2013.

BOCCA, Francisco V. e ARAÚJO, Arthur. (orgs.) *La Mettrie ou filosofia marginal do século XVIII.* Curitiba: Editora CVR, 2013.

BARROS, José D'A. *Fontes históricas: Introdução aos seus usos historiográficos.* Petrópolis: Vozes, 2019.

CANGUILHEM, Georges. *O Conhecimento da Vida.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CARDOSO, Franci Gomes. Sobre o “Método marxiano para o conhecimento do ser social” *Revista de Políticas Públicas.* v. 1 n. 1, 1995. Disponível em: <http://periodicos.eletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/issue/view/263> Acesso em: Out. 2021.

CORSI, Pietro. Before Darwin: Transformist Concepts in European Natural History. *Journal of the History of Biology,* v. 38, n. 1, p. 67-83, 2005.

DARWIN, Charles. *A Origem do Homem e a Seleção Sexual.* Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

DEVAUX, Christian A. Small oversights that led to the Great Plague of Marseille (1720-1723): Lessons from the past. *Infection, Genetics and Evolution,* v. 14, p. 169-185, 2013.

DONATELLI, M. C. de O. Filosofia e medicina em La Mettrie. *Scientie Studia,* v. 11, n. 4, p. 841-871, 2013.

DUARTE, Newton. *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo.* Campinas/SP: Autores Associados, 2016.

EL-HANI, Charbel N. Uma ciência da organização da vida: Organicismo, emergentismo e ensino de biologia. In: SILVA FILHO, Waldomiro J. da (et. al) *Epistemologia e ensino de ciências.* Salvador/BA; Arcádia, 2002. Pp. 199-244.

HACKING, Ian. La Mettrie’s Soul: Vertigo, Fever, Massacre, and *The Natural History.* *Canadian Bulletin of Medical History/Bulletin Canadien d’Histoire de la Medecine,* v. 26, p. 179-202, 2009.

HOBSBAWM, Eric. *A era das Revoluções.* São Paulo: Paz e Terra, 2017.

KONDER, Leandro. Apresentação. In: MARX, K. e ENGELS, F. *A Sagrada Família.* São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINS, Lilian A-C. P. História da ciência: objetos, métodos e problemas. *Ciência & Educação,* v. 11, n. 2, p. 305-317, 2005.

LA METTRIE, Julien Offray de. *L’Homme Machine.* Leyde: Imp. d’Elie Luzac, 1748. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86133728?rk=107296;4>. Acesso em: Out. 2021.

LA METTRIE, Julien Offray de. *Man A Machine.* Includes Frederick the Great’s “Eulogy” on La Mettrie and Extracts from La Mettrie’s “The Natural History of

- the Soul". Chicago: Open Court, 1912. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/52090/52090-h/52090-h.htm#eulogy>. Acesso em: Out. 2021.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MORILHAT, Claude. *La Mettrie: Un materialisme radical*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- NASCIMENTO JR, Antônio F. e SOUZA, Daniele C. Um olhar sobre o estudo dos seres vivos no século XVIII: uma contribuição para a construção do pensamento biológico. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia*. V. VII, n. 18, 2015. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao18/01182015RT.pdf> Acesso em: fev. 2022.
- PRESTES, Maria Elice B. *A biologia experimental de Lazzaro Spallanzani (1729-1799)*. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- RAMOS, Maurício de C. *O ser vivo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- RAMOS, Maurício de C. Uma abordagem filosófica de problemas da biologia em seu contexto histórico: mecanicismo e vitalismo. In: CARVALHO, M. e CORNELLI, G. (orgs.). *Filosofia: conhecimento e linguagem*, volume 4. Cuiabá: Central de Texto, 2013.
- ROONEY, Anne. *A História da Biologia*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2018.
- RUDÉ, George. *A Multidão na História: Estudo dos Movimentos Populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991. Disponível em: <https://arquivomarxista.files.wordpress.com/2016/03/a-multidc3a2o-na-histc3b3ria-george-rudc3a9.pdf> Acesso em dez. 2021.
- RUIZA, M., FERNÁNDEZ, T. Y TAMARO, E. Biografia de Julien Offray de La Mettrie. En Biografías y Vidas. *La enciclopedia biográfica en línea*. Barcelona (España) (2004). Disponível em: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/1/la_mettrie.htm. Acesso em: Out. 2020.
- RUSSO, Marisa. Irritabilidade e sensibilidade: fisiologia e filosofia de Albrecht von Haller. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C., P.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004. Pp. 310-319.
- SMITH, C. U. M. Julien Offray de la Mettrie (1709-1751). *Journal of the History of the Neurosciences*, v. 11, n. 2, p. 110-124, 2002.
- WOLFE, Charles T. *Materialism: A Historico-Philosophical Introduction*. Dordrecht: Springer, 2016.